

SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro  
(Coord). *Antologia do mar na poesia  
africana de língua portuguesa do  
século XX. Angola*. Luanda:  
Ed. Kilombelombe, 2000.

Jorge Valentim  
Universidade Gama Filho

**A** princípio, diante de um livro que apresenta em seu título o signo de uma escolha – *Antologia* –, o leitor menos avisado poderia pensar que se trata de mais uma daquelas obras que, em nome de um conhecimento genérico, tenta oferecer uma (suposta!) visão global de determinado autor ou período literário.

Ledo e, felizmente, delicioso engano. A *Antologia* de Carmen Tindó está longe daquelas visões superficiais e tentativas vãs de se encerrar, em poucas páginas, o que muitos livros não conseguiriam. Não! Não são estes os objetivos da coordenadora do projeto de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa da UFRJ. Percebe-se em todo o trabalho

de composição a mão criteriosa e o olhar atento da professora e, sobretudo, da leitora-crítica sobre a temática do mar na poesia africana do século XX. Longe de expor seus leitores a uma série de nomes – alguns, infelizmente, desconhecidos do público brasileiro – agrupados aleatoriamente, Carmen Lucia surpreende pela disposição cuidadosa de sua metodologia ao descortinar a constelação de escritores presentes enquanto resultado direto de suas pesquisas acadêmicas e fruto de seu trabalho como professora-ministrante da disciplina na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ao longo de quase oito anos, confirmando, assim, as palavras de seu editor sobre a

importância bibliográfica desta obra para os estudos literários africanos.

Nesse primeiro volume dedicado a Angola, encontramos um painel expressivo das linhas-mestras da poesia angolana, reunidas sob a trilogia temática “MAR, MITO E MEMÓRIA NA POESIA AFRICANA DO SÉCULO XX” e mapeadas, cronologicamente, do século XIX ao século XX. À primeira vista, este recuo poderia parecer uma incoerência, já que a Antologia se propõe a reunir poemas do século XX. No entanto, o astucioso olhar para trás implica uma preocupação em mostrar as muitas variações que o tema do mar ganhou nas vozes líricas angolanas, desde a herança colonial do final do século XIX até as pautas contemporâneas. Ainda, aqui, percebe-se a cumplicidade da leitora-ensaísta, porque é na metáfora do movimento do mar que sua leitura se evidencia, é naquele ir e vir das ondas marítimas cantado pelo poeta angolano Antero Abreu que o exercício antológico e criador de Carmen Lucia se espria: *“Forma-se a onda e depois outra e outra / E enquanto se desfazem outras vêm / O mar é sempre o*

*mesmo e no entanto / Em ondas se divide / E nelas se une”*.

E, assim, nas velas da ensaísta, o leitor deixa-se levar pela correnteza e acompanha o pensamento norteador do estudo introdutório. Passeando, com muita propriedade, intimidade e coerência, entre nomes conhecidos do pensamento novecentista, tais como Bachelard, Bergson e Benjamin, Carmen Lucia encontra neles a companhia certa para pensar a metáfora do mar, do oceano, das águas míticas e das ondas memoriais nas praias poéticas do litoral angolano. Ousadia, sem dúvida, a sua, a de aproximar o pensamento ocidental dos mitos africanos. Mas, não é a ousadia um dos atributos do navegador destemido? E não é a ousadia que o empurra para frente, fazendo-o chegar ao seu objetivo? Ora, aqui também, a ensaísta-navegante assume o risco de sua leitura e consegue traçar, com êxito, a trajetória do mar, bem como focalizar as múltiplas visões míticas do oceano, tanto nas margens da cultura ocidental, quanto nas da tradição africana.

É nesta que concentra o seu olhar, é nela que procura a linha

do horizonte. É, ainda, no espaço fértil da palavra poética africana que encontra terreno para (como uma certa *kianda* de Pepetela?) desaguar a sua leitura criativa sobre as águas do mar e do oceano na poesia angolana. A visão reduplicadora da ideologia colonial, os anos da diáspora do comércio escravo, a voz mítica silenciada pelo domínio do colonizador, as lutas pela libertação, o grito guerrilheiro, o erotismo aquático, a metalinguagem, os movimentos ondulantes e sensuais femininos e o canto de desencanto e desilusão dos tempos atuais são alguns dos pontos fundamentais tocados por Carmen Lucia em sua "Introdução".

Rotas de navegação que se confirmam não apenas no "Breve Roteiro da Poesia Angolana", mas também na seção dos "Poetas e Poemas Seleccionados". Muito perspicaz a sua proposta, porquanto foge de certos princípios superficiais para apresentar os escritores, não seguindo impulsos individuais de gosto pessoal, que acarretariam num erro de critérios de escolha e sistematização da *Antologia*. Neste sentido, o olhar antológico de Carmen Lucia parece ultrapassar a linha

do horizonte e consegue oferecer ao leitor uma visão, ao mesmo tempo, ampla e bem fundamentada, pois os poetas e os poemas apresentados não seguem uma ordem alfabética ou uma seleção subjetiva de preferências pessoais. É o tempo, o dominador das estações do ano e o impulsionador das marés, que aparece como bússola desta grande empreitada, por mares tantas vezes navegados pela ensaísta e professora de Literaturas Africanas. Assim, de José da Silva Maia Ferreira a John Bella, passando por nomes reconhecidos como os de Agostinho Neto, Luandino Vieira, Arnaldo Santos, Manuel Rui, Ruy Duarte de Carvalho, David Mestre, Arlindo Barbeitos, Ana Paula Tavares, João Maimona, José Luís Mendonça, João Melo, Lopito Feijoó, Fernando Kafukeno, Carlos Ferreira e outros, o leitor vai encontrando verdadeiros arquipélagos, ilhas férteis para a exploração frutífera do exercício criador. Mas, isso ainda não é tudo, porque em meio a estas terras poéticas masculinas, a voz lírica feminina angolana também se faz ecoar sedutoramente (como *yandas*?) através da presença de Lília da

Fonseca, Alda Lara, Maria Eugénia Lima Silva, Ana Paula Tavares, Maria Alexandra Dáskalos e Amélia Dalomba.

Navegar com Carmen Lucia por estas páginas antológicas é, por fim, poder usufruir aquela experiência prazerosa e poética de Cândido da Velha, porquanto,

neste final de percurso, nós também, leitores ávidos e seduzidos pelo discurso da mestra, nos damos conta de que “*É do mar que vêm estas vozes / sibilando a linguagem das marés, / gravando na areia estranhas grafias / onde, quem sabe ver, desvenda o rumo / no sobressalto das ondas*”.